



A divulgação da Linguística no Brasil: entrevista com Ataliba de Castilho, Mahayana Godoy e Sírio Possenti¹

The dissemination of Linguistics in Brazil: interview with Ataliba de Castilho, Mahayana Godoy and Sírio Possenti

Caio Vinícius da Silva BARROS*^{ID}

Carlos PIOVEZANI**^{ID}

RESUMO: Nesta entrevista, três importantes linguistas brasileiros, a saber, Ataliba de Castilho, Sírio Possenti e Mahayana Godoy, compartilham suas experiências com a divulgação da Linguística no Brasil. Para que pudessem fazê-lo, formulamos e lhes dirigimos treze questões, que versam sobre a presença e as características da divulgação científica na formação e na atuação profissional dos entrevistados.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação científica. Linguística. Entrevista.

ABSTRACT: In this interview, three important Brazilian linguists, namely Ataliba de Castilho, Sírio Possenti and Mahayana Godoy, were invited to share their experiences with the dissemination of Linguistics in Brazil. For this, thirteen questions were asked, which deal with the presence, characteristics and different aspects of scientific dissemination in the training and experience of the interviewees.

KEYWORDS: Scientific dissemination. Linguistics. Interview.

Entrevista recebida em: 22.07.2022

Entrevista aprovada em: 18.08.2022

¹ Esta entrevista deriva de uma pesquisa de Iniciação Científica, cujo tema é "A divulgação da Linguística no Brasil: como dizem e o que falam os linguistas ao público leigo", processo nº 2021/07252-1, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Parte do material de análise dessa pesquisa são as respostas dos professores Ataliba de Castilho, Mahayana Godoy e Sírio Possenti às questões desta entrevista. Nº CAAE (Plataforma Brasil): 50436421.3.0000.5504.

* Estudante do Bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). cvsbarros@estudante.ufscar.br

** Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisador do CNPq. cpiovezani@ufscar.br

A presente entrevista trata da divulgação da Linguística no Brasil. Ela é composta por treze questões sobre a presença e as características da divulgação científica na formação e na atuação profissional de três linguistas brasileiros, que já contribuíram e que continuam a contribuir decisivamente para a difusão de resultados obtidos por estudos e pesquisas linguísticas. Esses linguistas são: o professor Ataliba de Castilho (doravante Castilho), da USP e da Unicamp, a professora Mahayana Godoy (doravante Godoy), da UFRN, e o professor Sírio Possenti (doravante Possenti), da Unicamp. Sua realização ocorreu em modalidade *online*, via *e-mail*, no final do ano de 2021, em razão das medidas de isolamento social que se impuseram pela pandemia de COVID-19. .

Como esta entrevista é parte de um projeto de pesquisa, cujo objetivo consiste em analisar discursos sobre a divulgação da Linguística no Brasil, por meio da descrição e da interpretação do que dizem e de como falam especialistas e formandos de Cursos de Linguística, em ocasiões nas quais se dirigem ao público não especializado, sua composição e sua realização atenderam a uma série de critérios e exigências metodológicas. Particularmente no que se refere à escolha dos entrevistados, adotamos critérios qualitativos e quantitativos de seleção de três linguistas que tivessem reconhecida contribuição na divulgação da Linguística no país, que representassem duas gerações distintas de profissionais dessa área e que atuassem em duas diferentes regiões do Brasil. Essa reconhecida contribuição na divulgação brasileira da Linguística foi avaliada com base nas publicações desses linguistas de obras direta e/ou indiretamente comprometidas com a difusão e a vulgarização científica, em sua frequência de veículos da mídia de ampla circulação, em sua coordenação de projetos e em sua atuação na editoria de periódicos de divulgação científica e afins.

Há uma polarização sociolinguística no Brasil. Por aqui, mais do que ocorrências mais ou menos eventuais de preconceitos linguísticos, existem discursos e práticas de discriminação e de exclusão ostensivas e onipresentes, que reproduzem

depreciações da linguagem popular e perpetuam e justificam as profundas desigualdades e injustiças de nossa história colonial e escravista e de nosso sistema econômico baseado na superexploração do trabalho e no alijamento social (LUCCHESI, 2015, p. 280).

Além disso, já constatamos que “uma sociedade hegemonicamente desigual e conservadora consolida meios de calar e menosprezar tanto os discursos que reivindicam sua transformação quanto os modos de dizer daqueles que ela exclui. Com mais forte razão, tais meios de silenciamento e menosprezo se radicalizam em condições públicas de fala, nas quais há conjunção entre tais discursos em defesa do povo e sua materialização em meios populares de expressão”(PIOVEZANI, 2020, p. 246) e nas quais há efetivo potencial de transformação social.

Diante desse terrível quadro, a divulgação de postulados e noções da Linguística é fundamental e urgente. A emergência e a consolidação da Linguística como ciência estão ligadas em boa medida ao colonialismo, mas ela não é por isso necessariamente colonialista; antes, em nossos dias, ela “é um passo decisivo rumo à descolonização, porque respeita e celebra a alteridade dos seres humanos” (TRABANT, 2021, p. 81). Por essa razão, acreditamos que as respostas obtidas com esta entrevista possam e devam interessar a todas aquelas e a todos aqueles que queiram mais bem conhecer a prática de divulgação da Linguística no país, por meio da leitura do que Ataliba de Castilho, Mahayana Godoy e Sírio Possenti têm a nos dizer a seu respeito, não apenas para reconhecer sua importância e necessidade, mas também para participar de sua realização e contribuir para o avanço dos benefícios que ela pode nos aportar.

1. Sua formação como especialista na graduação e/ou em etapas posteriores contemplou direta ou indiretamente preocupações com a divulgação científica da Linguística?

Castilho: No meu tempo de graduando em Letras Clássicas, tínhamos um curso de Linguística Histórica sobre as línguas românicas, outro sobre a história da língua portuguesa, e outro sobre a Linguística Indo-Europeia. Não havia cursos de teoria linguística nem de descrição, indo a ênfase, como se vê acima, para a diacronia.

Godoy: Nunca.

Possenti: Na verdade, como minha graduação não foi em Letras (e há muito tempo), mesmo se houvesse essa preocupação no curso, eu não teria sido afetado. Minha “aproximação” à divulgação começou em cursos para professores, já quando fazia meu mestrado em Linguística.

2. Houve disciplinas ou tópicos de disciplinas ou ainda atividades de extensão ou extracurriculares dedicados à divulgação da Linguística?

Castilho: Não. No meu tempo a Linguística não era uma disciplina independente das de Língua Portuguesa, Latim e Grego. A Linguística só viria em sua plenitude a partir dos anos 1970, concentrando-se o debate na estruturação do curso, na fundação de sociedades científicas e de revistas especializadas (como a Alfa). As atividades de divulgação vinham secundarizadas pela temática acima mencionada.

Godoy: A única ação de que me lembro eram as feiras de profissões da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), quando a universidade recebia vestibulandos e havia organização de espaços para apresentação dos cursos e das pesquisas do

instituto. No entanto, apenas um grupo muito reduzido de alunos participava (eu nunca participei).

Possenti: Não (mas eu fiz isso há séculos...).

3. No desenvolvimento e ao cabo de suas pesquisas, houve preocupação, ação e ocasião de divulgação? Se sim, quais foram elas?

Castilho: Tudo isso estava apenas começando. Pensando no doutorado (em meu tempo não havia mestrado), podíamos aqui no Estado de São Paulo divulgar resultados de nossas pesquisas por meio do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) e da Associação Brasileira de Linguística (Abralin), que naqueles momentos tropeçava em sua organização, como se pode ver nos livros *Abralin, 40 anos em cena* (Dermeval de Oliveira et al. 2009), e *50 anos de Abralin: Memórias e Perspectivas* (Miguel de Oliveira, 2019).

Godoy: Sobre algumas de minhas pesquisas com potencial de gerar interesse, escrevi alguns textos de divulgação científica publicados no Blogs Unicamp e na Revista Roseta e participei de um podcast (episódio #145 do Dragões de Garagem). Também dei entrevista para um jornalista do Nexo.

Possenti: Preocupação em divulgar minhas pesquisas? Não, em sentido estrito. Mas quando mantive colunas na mídia, eventualmente falava de temas que eu pesquisava – língua e humor, por exemplo. Até publiquei pequenas análises, porém sem remeter a artigos ou algo parecido.

4. Quais foram suas experiências com a divulgação da Linguística?

Castilho: Publicava resenhas de livros no Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, e da revista Alfa, publicada pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, hoje integrada na Unesp.

Outras formas de divulgação eram as reuniões que promovíamos, como os Encontros de Mestres da Alfa Paulista, realizados em Marília/SP.

Era prazeroso trabalhar assim, pois a Linguística se encontrava num momento de dar-se a conhecer em nosso Estado e no país.

Godoy: Fui editora por quase dois anos da Roseta, a revista de divulgação científica da Abralin, produzi alguns textos de divulgação sobre minha pesquisa e também dei algumas disciplinas na graduação cuja avaliação dependia parcialmente de atividades de divulgação. Também organizei duas edições do *Pint of Science* em Natal/RN, me apresentando em uma delas.

Possenti: Não tenho certeza de ter feito divulgação em sentido estrito (dar a conhecer pelas mídias resultados de pesquisas; fiz isso poucas vezes). O que fiz durante cerca de 15 anos foi escrever uma coluna/crônica semanal falando de língua(gem). Minha rotina era: eu via ou ouvia uma opinião sobre uma questão qualquer, na boca ou na pena de algum jornalista ou professor de TV e tomava isso como um mote para contrapor outra análise, uma análise inspirada na Linguística que eu conhecia, digamos, uma Linguística meio pacificada, quase uma vulgata. Ou seja: não fazia esse trabalho para revelar pesquisas de ponta, como é o mais comum na divulgação científica (fiz isso poucas vezes, resenhando artigos ou livros). Os temas eram muitos: reanálises gramaticais como gerundismo, internetês, relativas, fala/escrita, erro/diferença, escrita/ortografia etc.

5. *Nessas experiências, houve dificuldades para falar de Linguística com o público leigo? Se sim, quais foram os problemas mais significativos?*

Castilho: No começo, esse público não diferenciava bem a gramática escolar da Linguística. Como toda ciência que estreia, era inevitável que a Linguística elegeesse um inimigo, para firmar-se como um novo modo de estudar seu objeto. Elegeu dois: a Gramática (sempre adjetivada de “tradicional”) e a Filologia, maiormente entendida como Linguística Histórica.

Já saímos dessa perspectiva, e atualmente linguistas escrevem gramáticas, e a Linguística Histórica retornou a partir dos anos 1980, sem excluir a Linguística Descritiva e a Linguística Aplicada.

Godoy: Não encontrei, mas tomei cuidado para adequar léxico, selecionar informações, fazer interações por meio de jogos durante apresentações etc. O mais difícil é lembrar que alguns termos corriqueiros do linguista (“sintagma”, “enunciação”, “subordinada” etc.) são técnicos e deveriam ser evitados.

Possenti: Eu achava que não; claro que nem todos concordavam comigo, mas havia muita adesão; professores que liam as colunas opinavam favoravelmente, umas poucas pessoas da mídia também; quando escrevi em *blogs*, lia comentários (sempre mais favoráveis do que contrários, embora os houvesse); eventualmente, colegas me diziam que eu estava fazendo um trabalho importante para a Linguística...

6. *Nessas mesmas experiências, houve também fatores, fenômenos, aspectos e circunstâncias que concorreram para uma divulgação mais bem-sucedida da Linguística?*

Castilho: Acho que a busca da modernização do ensino de língua portuguesa no antigo ginásio e colegial favoreceu a divulgação da Linguística.

Godoy: Uma das minhas pesquisas usa um tema com apelo popular (nomes de Pokémon) para investigar um fenômeno linguístico. Acho que isso ajudou um pouco no engajamento (mas eu não acho que pesquisadores deveriam procurar temas *pop* para garantir divulgação, e no meu caso foi só uma coincidência).

Possenti: Creio que sim; acho que o que fiz tem um pouco a ver com uma aceitação social maior da Linguística, que é, digamos, um pouco menos odiada e um pouco mais bem compreendida. Um livro como *Porque (não) ensinar gramática na escola* (1996) é, de certa forma, divulgação, porque opera com o que não deveria mais ser controverso. E muitos alunos de Letras leram o livro no começo da faculdade. Outros livros meus em que de certo modo faço divulgação da Linguística são: *A cor da língua e outras crônicas de linguista* (2001), *Mal comportadas línguas* (2000) e *Língua na mídia* (2009). Devo dizer que ao mesmo tempo outras pessoas escreveram para um público não especializado: Mário A. Perini e Marcos Bagno, especialmente. Hoje, Sérgio Rodrigues faz esse papel brilhantemente na Folha de S. Paulo.

7. *Quais costumam ser os temas mais demandados pelos leigos, quando se trata de discussões ou exposições sobre a Linguística?*

Castilho: Correção da língua, qual variedade do português brasileiro é mais perfeita (?!), fora questões pontuais da gramática (colocação de pronomes – que entraram numa tremenda alteração no PB), concordância, questões de ortografia.

Godoy: Variação linguística (em especial diatópica no nível lexical) e aquisição da linguagem (primeira ou segunda língua). Em menor grau, mas também com frequência, etimologia e filologia.

Possenti: Se eu me basear nos não muitos retornos, diria que o público leigo gosta mais de palavras do que de frases ou de textos, e que etimologia é uma questão de maior interesse. Mas eu fiz pouco nesse campo... Quando falava de palavras, minha visada tinha a ver com propor uma separação entre, por exemplo, gosto pessoal e regras (os neologismos e estrangeirismos seguem regras, embora possamos não gostar deles; esse, aliás, foi um tema que se repetiu muito; e de contrabando, entrava em questão a pureza da língua etc.).

8. *Você já se defrontou com algum tipo de negacionismo linguístico, entendido aqui como comentários do tipo: “A Linguística aceita tudo”, “Os linguistas dizem que as pessoas podem continuar falando errado”, “Antigamente, é que se falava bem o português” ou “Há línguas que são melhores e mais sofisticadas do que outras”?*

Castilho: Sim, 20 anos atrás, quando os chamados (por Marcos Bagno) “comandos gramaticais” pontificavam em nossos jornais e revistas. Esses argumentos eram muito frequentes, porém com a chegada dos projetos coletivos de pesquisa isso está sendo esquecido.

Godoy: Menos do que imaginei que encontraria. Ouço esse tipo de comentário apenas nas primeiras aulas de cursos introdutórios de Linguística na graduação. No geral, sinto que as pessoas até trazem essas opiniões que estão difundidas na sociedade, mas são abertas a ouvir contra-argumentos quando eles são dados com exemplos e sem parecer simples argumento de autoridade.

Possenti: Sim, foram questões muito recorrentes, tanto nos cursos quanto nos comentários que eventualmente se faziam aos meus textos. Às vezes eu era um pouco “mau” e mostrava que os textos que me criticavam confirmavam as teses que eu defendia. Eu dizia, por exemplo, “olha como você usa uma relativa não padrão”, etc..

Tentava não criticar, mas mostrar que a pessoa fornecia dados contra ela mesma e a meu favor. Dependendo do tom com que me tratavam, eu às vezes era menos fino...

9. *Você acredita que a distinção entre os cursos de Letras e de Linguística pode dificultar o entendimento do público leigo sobre os estudos da linguagem?*

Castilho: Não sei se há essa distinção. A denominação “Letras” continua a existir, e a Linguística continua a ser entendida como uma disciplina das Letras.

Godoy: Não.

Possenti: Pode, especialmente se Letras não se der conta de que Linguística é Letras... Isto é, que Linguística “é” a gramática que se deve estudar na universidade. Por exemplo, separando USO e GOSTO de ANÁLISE.

10. *Quais seriam suas críticas e sugestões para uma divulgação bem-feita da Linguística, particularmente na modalidade oral, considerando o fato de que na formação dos linguistas não costuma haver disciplinas voltadas particularmente para as exposições orais?*

Castilho: Mais interessante seria perguntar sobre o impacto das pesquisas da oralidade (Projeto NURC, Projeto PEUL, Projeto de Gramática do Português Culto Falado no Brasil, Projeto Iboruna, entre outros) sobre a organização da gramática do PB e da organização curricular dos Cursos de Letras. Isto daria um bom filão de pesquisas.

Godoy: Elaboração de atividades que envolvam engajamento ativo da plateia (por meio de *quiz*, por exemplo). Outras sugestões caberiam também para textos escritos: adequação lexical e, principalmente, escolha de qual tópico cobrir. Um problema

frequente que tinha na Roseta era com textos que pareciam artigos acadêmicos não pelo linguajar, mas pela forma. Temos que lembrar que texto ou apresentação de divulgação não são um artigo ou uma conferência, não precisa dedicar tempo para fundamentação teórica, por exemplo, e às vezes os métodos despertam mais interesse que os achados. Enfim, é preciso selecionar o que desperta mais interesse para o público e começar por ali.

Possenti: Acho que de fato não há trabalhos voltados para um "aprendizado" de fala pública. Entretanto, muita gente jovem usa mais ou menos bem as novas mídias. Inclusive, há canais de estudantes que divulgam Linguística, especialmente temas clássicos e conceitos - signo, por exemplo. Não tenho as referências, mas penso que os alunos sabem achar. Diria que são tipos de divulgação. O Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp tem um *blog* de divulgação de Linguística; inclusive, ganhou prêmio da Abralin. Contudo acho que só tem textos escritos.

Há muita ênfase em multimodalidade e em oralidade, hoje; mas não sei se rende alguma prática... Diria que canais de Youtube, por exemplo, seriam interessantes (eu mesmo pensei em fazer um; porém já tem tanta coisa que seria difícil conseguir audiência).

Acho que temos que aprender a fazer. Nesses espaços, a linguagem é outra; acho que temos que aprender a ser mais breves, por exemplo; a tratar de um pequeno assunto de cada vez; em 5 ou 6 minutos... Senão, as pessoas mudam de canal.

11. *Há diferenças significativas entre falar e/ou escrever para veículos da imprensa e da televisão, para sites, blogs e afins mais ou menos dedicados à divulgação científica e ainda em fazê-lo para familiares, colegas e amigos?*

Castilho: Com certeza. No primeiro caso predomina a língua escrita, mesmo para ser lida, e no segundo, a oralidade é onipresente. Já sabemos que essas duas modalidades linguísticas têm suas peculiaridades.

Godoy: Sim. Todo público envolve ajuste do texto. Isso vale até para textos acadêmicos. Escrever para uma revista de escopo restrito (e.g., *Glossa*, especializada em Linguística) é diferente de escrever para uma de artigos breves e mais gerais, com audiência interdisciplinar (*Trends in Cognitive Sciences*, que também publica textos sobre linguagem).

Possenti: Sim, há, mas não se trata de marcas que poderiam ser listadas; é um certo tom, eu diria; também tem menos citação na divulgação do que em artigos, claro; contudo eu sempre tentei atribuir as análises que fazia a algum autor - ou a alguma disciplina, quando havia consenso. Eventualmente, dizia que uma diferença entre minhas colunas e outras que eu lia na imprensa (que me forneceram muitos motes) é que estas não forneciam suas fontes... Faziam de conta que se tratava de consenso absoluto.

12. *Você acredita que tenham ocorrido mudanças na divulgação científica da Linguística com a consolidação dos usos da internet e das redes sociais? Se sim, quais seriam elas? Quais as principais dificuldades e os principais êxitos decorrentes dessas modificações?*

Castilho: Não saberia responder, pois nunca pesquisei como se tem dado a divulgação da Linguística via internet e redes sociais. Você poderia buscar as respostas a isso. Mas participei da montagem do Museu da Língua Portuguesa. A Fundação Roberto Marinho convidou-me a participar dessa montagem, por meio de seu representante, o Jarbas Mantovanini. Ele foi à Universidade de São Paulo (USP), mostrou o desenho do museu e me pediu (1) que escrevesse o roteiro para a Linha do Tempo, (2) indicasse

alguém para subsidiar a feitura de painéis (a) com problemas sintáticos - indiquei a Profa. Marilza de Oliveira, (b) com questões lexicais - indiquei o Prof. Mário Viaro, que bolou a mesa das etimologias. Também gravei alguns vídeos, sob a direção do mesmo representante. O incêndio não destruiu o material eletrônico exibido nas exposições. Tudo isso estava guardado num contêiner de aço à prova de fogo.

Inaugurado o Museu, fui indicado para uma assessoria (1) para responder às perguntas dos visitantes, (2) para dar umas aulas aos monitores, que acompanham os visitantes, respondendo às suas indagações. Trabalhei nisto uns 6 anos.

Sobrevindo o incêndio, participei de um seminário, em que propus que, em sua nova versão, o Museu abrigasse em sua página *corpora* linguísticos sobre o português do Brasil. A ideia foi aprovada, mas isso ainda não se concretizou.

Não estou mais atuando no Museu, após sua reinauguração.

Tenho aqui em casa 3 pastas de documentos produzidos no período em que atuei como assessor, com outras informações. Vou entregar isso ao Centro de Documentação Cultural "Alexandre Eulalio" (CEDAE/IEL/Unicamp).

1) O segredo do sucesso do Museu está em que ele está voltado para os leigos, não para a academia. Daí a busca de uma linguagem museológica "para todos", sem especializações.

2) No antigo eixo do tempo, por sugestão do Mantovanini, o último quadro é um espelho. Ao se olharem, os visitantes compreendem que são herdeiros de toda aquela longa história. A Profa. Antonieta Cohen, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), me disse que foi várias vezes visitar o Museu para testemunhar a reação dos visitantes, quando se viam refletidos no espelho. Ela me disse que muitos choram. Como ela é minha amiga, brinquei a esse respeito, lembrando a definição de um filósofo: quando uma mulher subitamente se desnuda em público, todo mundo olha para a mulher, já o filósofo olha para o público, tentando entender essa reação.

3) Israel e Portugal planejaram também construir museus da língua. Sobre o de Israel, recebi aqui em Campinas a Profa. Zvia Walden, da Universidade de Tel Aviv, que me

contou que a ideia era tratar do hebraico depois de sua dispersão pelo mundo, ocasião em que surgiram variantes tais como o ídiche, dialeto do alemão falado por judeus, e o ladino, dialeto do castelhano medieval falado por judeus na Península Ibérica. Sobre Portugal, o Conselho Municipal de Braga planejou também construir um museu. Estive lá para conversar com os organizadores, a convite deles. Não deu certo, por falta de recursos. Há um museu do inglês americano, creio que na Filadélfia, mas é apenas um arquivo da língua.

Godoy: Houve mudança, mas não estou segura da efetividade das iniciativas. Hoje há muito mais produção de conteúdo *online*, todavia há de se observar dois pontos. Em primeiro lugar, há uma ideia (falsa, na minha opinião) de que se o conteúdo está publicado em redes sociais, isso automaticamente se torna um produto de divulgação científica. Nesse ponto, vejo muita palestra e evento acadêmico que são produzidos na mesma dinâmica de sempre e são chamados de “divulgação científica” apenas por estarem em formato *online* (essa prática aumentou durante a pandemia).

Além disso, creio que parte das iniciativas de divulgação acaba caindo no problema de “pregar para convertidos”. Boa parte do público com o qual lidei na Roseta e também no meu perfil do Twitter é de alunos de Letras ou Linguística. Acho que isso é particularmente verdade para canais/*blogs*/revistas ligados a instituições de ensino e pesquisa, e cujo público acaba sendo o de profissionais da área que já conheciam a instituição. Não significa que não dê para furar esse bloqueio ou que essas iniciativas sejam inócuas (obviamente não são, o próprio fato de alunos de Letras pensarem em como divulgar suas pesquisas já é um bom retorno), mas é uma questão a se considerar se o objetivo é divulgar para além dos ambientes acadêmicos.

Nesse ponto, acho que iniciativas mais pulverizadas, em que a Linguística faz parte de um leque de conteúdos de outras áreas, podem alcançar um público maior (me ocorre agora o *podcast* do professor Thiago Motta, da Unicamp, que faz parte do SciCast e deve chegar a pessoas que assinaram o canal por interesse em outras áreas). Em minha

experiência com a divulgação da minha pesquisa, as iniciativas com mais retorno de engajamento de pessoas de fora da academia foram o texto publicado na mídia (Nexo Jornal) e participação num *podcast* de ciências (Dragões de Garagem).

Resumindo, acho positivo que cada vez mais gente se preocupe em fazer divulgação, esse é um primeiro passo. Agora, é preciso ver se atingimos um público que está fora da academia. Creio que a comunidade tem investido muito na produção de conteúdo *online* que não dá muita brecha ao diálogo (o receptor tem posição mais passiva), e negligencia outras formas de fazer divulgação que já ocorriam antes e promovem maior engajamento da comunidade (feiras de ciências, atividades de extensão em contexto escolar, eventos de extensão em bares e praças públicas etc). Acho que é preciso ir além da internet e pensar em eventos na rua e nos espaços fora da academia (de cabeça, lembro também de um excelente projeto do prof. Márcio Leitão, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com oficinas da Olimpíada Brasileira de Linguística nas escolas públicas).

Ah sim: tudo isso, claro, deve ser lido considerando que as universidades e agências de fomento não dão qualquer incentivo à divulgação; então, o mero ato de um grupo de alunos/pesquisadores criarem um canal no Youtube, perfil no Instagram ou similares nessas condições adversas já é louvável. Minhas ponderações são dadas imaginando um cenário ideal em que a universidade realmente queira investir nisso e o pesquisador realmente queira dedicar parte significativa do seu tempo à divulgação (porque uma divulgação bem-feita exige tempo).

Possenti: Penso que houve alguma alteração; vejo mais gente escrevendo sobre certas questões de língua; contudo não saberia qualificar nem quantificar, porque vejo poucas redes (vejo um pouco o Facebook, onde eventualmente surge um pequeno debate). Acho que haveria espaço para muito mais, no entanto os linguistas ainda não divulgam muito o que fazem... Há muitos canais ensinando a diferença entre MAS e MAIS e ninguém se contrapondo ou propondo uma análise... Tem muito canal de

Análise de Discurso, mas não de Sociolinguística ou Psicolinguística, por exemplo. Em 2020, houve muitas *lives* promovidas pela Abralín; porém não tenho ideia de qual o público atingido.

13. *Há diferenças significativas ao se promover a divulgação científica da Linguística em modalidade escrita ou em modalidade oral da língua, e em diferentes gêneros discursivos?*

Castilho: Sem dúvida, tendo em vista as peculiaridades dessas manifestações linguísticas. Quanto aos gêneros, você está pensando em que gêneros? O Projeto para a História do Português Brasileiro tratou desse tema, muito elaborado pelos linguistas alemães.

Godoy: Acredito que sim, como para qualquer produção textual (mesmo conteúdo acadêmico deve ser adaptado ao modo de transmissão: a leitura de um texto escrito numa palestra é muito pouco eficiente).

Possenti: Não saberia dizer: no máximo, poderia comparar conferências com textos que publiquei; acho que numa conferência é mais fácil detalhar ou aumentar o número dos argumentos e dos fatos... Mas também se atingem menos pessoas.

Referências

LUCCHESI, D. **Língua e sociedade partidas**. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, D. de (org.). **Abralín, 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora UFPB, 2009.

OLIVEIRA, M de (org.). **50 anos de Abralín: memórias e perspectivas**. Campinas: Editora Pontes, 2019.

PIOVEZANI, C. **A voz do povo: uma longa história de discriminações**. Petrópolis: Vozes, 2020.

POSSENTI, S. **A cor da língua e outras croniquinhas de linguista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

POSSENTI, S. **Língua na mídia**. São Paulo: Parábola, 2009.

POSSENTI, S. **Mal comportadas línguas**. Curitiba: Criar Edições, 2000.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB; Mercado de Letras, 1996.

TRABANT, J. **A linguagem, objeto de conhecimento: breve trajeto pela história das ideias linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2021.